

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**O QUE QUERO VER**  
**21 de Fevereiro de 2024**

**CHRISTIANE F. – WIR KINDER VOM BAHNHOF ZOO / 1981**  
**(Christiane F.)**

*Um filme de Ulrich Edel*

Realização: Ulrich Edel / Argumento: Hermann Weigel, baseado no livro de Kai Hermann e Horst Rieck / Direcção de Fotografia: Jürgen Jürges e Justus Pankau / Direcção Artística: Sabine Eichinger e Harald Muchametow / Música: Jürgen Knieper / Som: Lothar Mankewitz / Montagem: Jane Seitz / Interpretação: Natja Brunckhorst (Christiane), Thomas Haustein (Detlev), Jens Kuphal (Axel), Rainer Woelk (Leiche), Uwe Diderich (Klaus), Jan Georg Effler (Bernd), Peggy Bussieck (Puppi), Christiane Lechler (mãe de Christiane), Lothar Chamski (Rolf), David Bowie (ele próprio), etc.

Produção: Solaris Film – Maran Film – Popular Filmproduktion – CLV Filmproduktions / Produtores: Bernd Eichinger e Hans Veth / Cópia 35mm, colorida, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 131 minutos / Estreia em Portugal: Alfa, Estúdio 444 e Tivoli, a 11 de Janeiro de 1983

\*\*\*

*O filme foi visionado nesta cópia em 35mm (por sinal, óptima) que vai ser projectada na sessão, e portanto sem legendas nem qualquer tradução do alemão. Sem o benefício da legendagem electrónica que estará ao serviço do espectador da sessão, preferimos, em vez de um texto original que seria sempre escrito sem acesso a uma parte importante do filme, publicar a nota crítica (aliás, célebre) assinada por Serge Daney no jornal Libération a 24 de Julho de 1981:*

*A droga mata, a sociologia também*

Um clichê não é nem verdadeiro nem falso, é uma imagem que não se move. Que não move ninguém e que nos torna preguiçosos. Sobre a droga, os clichês não faltam. Encontram-se todos em **Christiane F.**, filmado nesse estilo lúgubre e chato do novo “novo” cinema alemão. O título faz temer (ou esperar) um filme pornográfico, mas parece que não é nada disso: testemunhamos a espiral de uma queda, crua e sem embelezamento. Nada nos surpreenderá verdadeiramente, mas tudo nos estarrecerá: a sordidez dos detalhes, as seringas lavadas nas retretes, o asfalto e os prédios de apartamentos, os rostos pálidos e a tristeza sem fundo das crianças perdidas nas calçadas de Berlim, entre a Sound, a “maior discoteca da Europa”, e a estação de metro do Jardim Zoológico.

Dizem-nos (toda a publicidade é feita a partir disso) que Christiane F. realmente existiu, que existe, que se safou, que falou durante horas para os gravadores de dois jornalistas, que disso resultou um best-seller (em 78), cujos direitos de adaptação para o cinema foram rapidamente adquiridos (em 79), precedendo a rodagem feita por um tal Ulrich Edel (em 80), e a estreia parisiense do filme (no verão de 81). Mas, quando o filme

acaba (com essa improvável imagem de recuperação), perguntamo-nos: a que propósito? Qual o propósito dessa garantia de realidade, dessa fatia da verdadeira vida, para que serve a verdadeira Christiane F.? Bastava colocar no computador toda a literatura sobre o tema, das confissões dos antigos viciados aos testemunhos dos dealers, passando pelos relatórios médicos e policiais, para obter Christiane F., a anódina menina de treze anos, o retrato-robot de uma criança perdida, a *amostra sociológica* de que necessitávamos para ilustrar o argumento-robot do filme. Que um cineasta faça um trabalho de pesquisa profundo sobre um tema, é uma coisa (até em Hollywood isso se fez), que se sirva dos resultados dessa pesquisa para se proteger, é outra coisa. A não ser que o seu objetivo seja desarmar o espectador, fazê-lo sentir-se ainda mais culpado, impedi-lo de criticar o filme. Como pode alguém sair do filme a dizer que ele é lúgubre e superficial, sinistro e confortável? Quem o fizer será por sua vez criticado: só um drogado, um perverso, um esteta, pode recusar entrar na “chantagem da vida real”.

E, no entanto, o que vemos em **Christiane F.**? Falsas picadas em primeiro plano, rostos desolados filmados de muito perto, o espetáculo penoso de adolescentes a macaquearem trips, crises de abstinência, prostituição, morte. E o que é que nos é dito? Coisas verdadeiras, tristes, irrefutáveis, clichês justamente: que se cai nas drogas pelo conformismo (ou pior, por um desgosto amoroso), que a espiral é terrível, imparável: o charro leva ao cavalo como o soft leva ao hard, o cavalo leva à prostituição, que leva novamente ao cavalo, e assim até à *overdose* final. Essa engrenagem tem causas vagas, mas conhecidas: pais indiferentes, famílias desunidas, o namorado que vive na casa da mãe, cidades inabitáveis, sexo por todo o lado, ausência do amor verdadeiro. Tudo isto deve ser verdade. Mas uma coisa verdadeira, quando se torna uma amostra sociológica, começa a soar falsa. Porque há também a verdade do cinema, do olhar do cineasta. E uma constatação, mesmo que seja brutal (e esta é-o certamente), não é necessariamente a verdade. Ou seria preciso renunciar à crítica de cinema e remeter tudo para as páginas de “Sociedade”.

Os drogados não têm sorte. Na vida, sofrem. No cinema, as coisas não são muito melhores. O drogado - sobretudo a criança drogada - não é uma personagem, é um caso. Não nos interessamos por um caso, debruçamo-nos sobre ele, com a certeza de que não nos fará correr qualquer risco. Um cineasta, quando se põe a filmar um drogado (ou qualquer outro indivíduo de existência marginal), transforma-se em assistente social, em médico, em polícia compreensivo, em adjuvante reprimido, em jornalista de “bas fonds”, em psiquiatra: nunca em cineasta. Erro. Demissão. Uma “personagem” de drogado não existe no cinema: está proibido à ficção. Só conta o caso, a vítima estatística, o problema civilizacional. A água do banho conta mais que o bebé. (...) A verdadeira Christiane F. foi vítima da droga, a falsa foi vítima do olhar sociológico.

(...) **Christiane F.** de filme só tem o nome. Trata-se de outra coisa: de uma *simulação audiovisual* que, para ser realmente eficaz, deveria passar, em tarde de grande audiência, na televisão, antes de um debate com especialistas que viriam taciturnamente fazer-nos esquecer que, durante duas horas, fomos voyeurs e nada mais. No fim de contas, trata-se mesmo de um filme pornográfico.